

ELIZABETH NADER/AT



Maria das Graças Silva diz que os caranguejos invadiam as casas

História de luta em Dom João Batista

O nome do bairro foi dado, no início da década de 80, em homenagem ao então arcebispo de Vitória

Quando aceitaram o desafio de lutar pelo seu pedaço de chão, os primeiros moradores de Dom João Batista, em Vila Velha, sabiam que não seria fácil se manter em um ambiente sem as mínimas condições de urbanização. Mas a vontade de fugir do aluguel e de ter a sua própria casa, mesmo que fosse um barraco sobre o manguezal, foi mais importante e motivou as invasões à área no início da década de 80.

A influência da Igreja Católica no processo de ocupação de muitas regiões da Grande Vitória também foi demonstrada no bairro e exerceu papel fundamen-



tal para o surgimento da comunidade.

Como sinal de gratidão ao carinho demonstrado pelo então arcebispo de Vitória, dom João Batista da Mota e Albuquerque, a população resolveu prestar uma homenagem ao religioso e identificou o local com seu nome. A idéia surgiu depois que ele visitou o lugar em 1983, quando celebrou uma missa no terreno do centro comunitário.

A invasão da área próxima ao rio Aribiri foi o fato que marcou o início da história. Pertencente à família Vereza, o local acabou ficando conhecido durante os primeiros anos como "a invasão do Aribiri", palavras que ainda hoje deixam a costureira Maria das Graças Macedo, uma das moradoras mais antigas, indignada. "As pessoas que ainda chamam nosso bairro de invasão não sabem como a gente teve de lutar para mudar a realidade daqui".

Embora a ocupação tenha acontecido ilegalmente, ela contou que a luta para a chegada do mínimo de infra-estrutura à região foi muito mais árdua do que a conquista da garantia dos terrenos. "Os Vereza nos ajudaram bastante e nos doaram sua propriedade".

Vivendo no bairro desde 1983, a auxiliar de serviços gerais Maria das Graças da Silva, 51, lembra muito bem da época em que o mangue predominava o lugar.

"Caranguejo era a coisa mais fácil de pegar. Eles entravam nas casas", afirmou.

Moradores abrigados na igreja

Para que as palafitas não fossem mais edificadas no bairro, a Prefeitura Municipal de Vila Velha (PMVV) se responsabilizou em promover os aterros em Dom João Batista, Vila Velha, significando o primeiro passo para a urbanização do lugar.

Durante os entendimentos entre a administração, proprietários e invasores, ficou decidido que os moradores deixariam o mangue até que os aterros fossem concluídos. Durante a realização da obra, muitos tiveram de ficar abrigados na Igreja Católica do Aribiri.

O processo de assentamento das famílias foi dividido em etapas. "Os moradores foram separados em três grupos. Aqueles que tinham onde morar, saíram temporariamente da invasão e voltaram para o lugar de onde vieram com a promessa de que poderiam retornar ao bairro assim que tudo estivesse pronto", destacou a costureira Maria das Graças Macedo.

Pessoas que tinham parentes por perto estavam incluídas na segunda categoria e mudaram para as casas de seus familiares até que a situação estivesse definida.

Já o terceiro grupo era o que

amargava a situação mais complicada, pois não tinha para onde ir. Foi então que as lideranças da Igreja Católica do Aribiri ofereceram seu pátio e a sacristia para abrigar os que não tinham destino.

"Moramos na igreja por cerca de um ano. A gente via muitas pessoas solidárias, mas algumas nos olhavam desconfiadas e não gostavam da nossa presença ali. Era preconceito mesmo", enfatizou Maria das Graças.

ATERROS

Como a área era muito extensa, os aterros foram feitos por partes. Na fase inicial, o serviço foi promovido entre as ruas do Fico e Paineiras. Na etapa seguinte, o aterro foi estendido até a rua São José. Logo em seguida, os trabalhos prosseguiram até a rua Saldanha da Gamma.

Assim que uma etapa ficava pronta, os moradores eram transferidos para o local. Apesar da promessa, muitos não agüentaram esperar pelo fim das obras e resolveram invadir novamente a área mais próxima ao rio Aribiri, trecho do bairro onde hoje há maior concentração de barracos.

CORTE — Os homens que quiserem ter um visual novo ou apenas dar aquela aparadinha no cabelo e na barba podem procurar o Senac de Vila Velha onde os serviços serão executados gratuitamente.

Os cortes de cabelos masculinos e de barba estão sendo realizados das 19h às 22h, na rua Jaguaribe, 91, bairro Divino Espírito Santo, Vila Velha. A promoção é por tempo determinado. Mais informações pelo telefone 3229-5588.